

OS PROPÓSITOS DA AVALIAÇÃO DESENVOLVIDA NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Leonice Matilde Richter²
Maria Veranilda Soares Mota³
Olenir Maria Mendes⁴

RESUMO: As transformações ocorridas nas últimas décadas têm proporcionado mudanças na forma de conceber a infância, compreendida como uma importante fase da formação do indivíduo. Tendo em vista estas mudanças, a educação infantil vem buscando delinear sua identidade. Este trabalho tem por objetivo compreender a prática pedagógica dos professores de educação infantil, refletindo a vivência do processo avaliativo formal e informal no cotidiano de uma sala de pré-escola. Percebemos que a educação infantil está incorporando as práticas avaliativas desenvolvidas nos demais segmentos educacionais. Tal prática representa um retrocesso, pois a avaliação é concebida como forma de classificar o aluno quando deveria ser um meio de tomada de decisão do professor para melhor alcançar os objetivos educacionais pretendidos.

PALAVRAS-CHAVE: Criança, Educação Infantil, Avaliação.

ABSTRACT: The transformations occurring in the last decades have led to a change in the way of conceiving the childhood, understood as an important phase in the formation of the individual. Having in mind this changes the education of the child is looking to delimit its identity. This paper has as its objective to understand the pedagogical practice of the professionals in children's education, reflecting the way of life of the formal and informal evaluation process in the daily life of a pre-school class. We noticed that the children's education is incorporating the evaluation practices

¹ Trabalho fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica (CNPq), desenvolvido em 2001/2002.

² Graduanda do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Uberlândia. Aluna de Iniciação Científica – órgão de fomento: CNPq/UFU

³ Prof^a Dra. da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia - mvsmota@ufu.br

⁴ Prof^a da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, Doutoranda pela Faculdade Federal de Uberlândia, Doutoranda pela Faculdade de Educação-USP/SP - olenir@ufu.br.

Os propósitos da avaliação desenvolvida na educação infantil

Leonice Matilde Richter, Maria Veranilda Soares Mota e Olenir Maria Mendes

discovered in the other educational sectors. Such practice represents a retrocess because the evaluation is conceived as a form of classifying the pupil, when it should be a means of decision taking of the teacher for better reaching the foreseen educational objectives.

KEY WORD: Child, Infantile Education, Evaluation.

Introdução

A preocupação com a educação infantil é algo recente, já que a infância é uma “construção da modernidade”. Por um longo tempo, não se pensava a singularidade da criança, sendo esta considerada um adulto “em miniatura”. Somente a partir do século XVI, começou-se a pensar sobre as características específicas da criança pequena e a atribuir um significado a essa fase da vida humana (ARIÈS, 1981).

As transformações sociais ocorridas nas últimas décadas (séc. XX) têm proporcionado profundas mudanças na forma de conceber a infância e, conseqüentemente, a Educação Infantil. No Brasil, somente em 1988, a Constituição Federal, ao incluir a Educação Infantil no capítulo da educação (art. 208, inciso IV), reconhece o direito de todos terem acesso a esse atendimento institucional.

A partir de então, a Educação Infantil vem ganhando espaço nas discussões políticas/legais, como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n° 9394/96), e passa a ser considerada a primeira etapa da Educação Básica, oferecida em creches e pré-escolas (art. 29). Ressalta-se, com isso, a sua importância no processo de formação do indivíduo e a necessidade de que o ambiente das instituições de Educação Infantil seja um espaço intencionalmente pedagógico, onde as especificidades desse período da existência humana sejam respeitadas, e não um simples “depósito” de crianças.

Outra conquista foi a aprovação da Resolução n° 1 da Câmara de Educação Básica em 1999, instituindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, em que se encontram os princípios, fundamentos e procedimentos que deverão orientar a organização, articulação, desenvolvimento e avaliação dos trabalhos realizados nas instituições de Educação Infantil. Destacamos, também, a elaboração e divulgação do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), cujo objetivo

Os propósitos da avaliação desenvolvida na educação infantil

Leonice Matilde Richter, Maria Veranilda Soares Mota e Olenir Maria Mendes

é direcionar o trabalho com as crianças pequenas e subsidiar a elaboração de propostas pedagógicas para as instituições.

A elaboração dos Subsídios para Credenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil (1998) é fundamental para o reconhecimento do caráter pedagógico de tais instituições, uma vez que muitos espaços considerados escola de Educação Infantil funcionam como espaço apenas do “cuidar”. Ainda hoje, grande parte dessas instituições não são fiscalizadas e permanecem sem condição alguma de atender a criança pequena, conforme já se constatou na primeira fase da pesquisa: “Caracterização das Instituições de Educação Infantil de Uberlândia”, concluída no ano de 2001⁵.

Discutir e compreender a importância da implementação da legislação em vigor é essencial, pois o momento atual exige ações para que esses direitos adquiridos sejam cumpridos. Faz-se necessário desmistificar a visão assistencialista que envolve a Educação Infantil, na qual o “educar” fica, muitas vezes, como um apêndice.

Tal situação é agravada ao se considerar o lento processo de preparação dos professores que atuam nessa área, sendo a maioria ainda leiga. Geralmente, os profissionais com menos experiência e preparação são destinados ao trabalho com a criança pequena, quando, na verdade, deveria ser o oposto, devido a suas especificidades (BRAGAGNOLO, 2002).

Concordamos com o posicionamento Giroux (1986: 253), ao afirmar que “*Os professores deveriam representar um ponto de partida para qualquer teoria de educação.*” Nessa perspectiva, a formação do professor assume um papel central na busca de uma escola de qualidade, embora saibamos que a problemática educacional não se restringe a essa questão.

Pensar a educação das crianças que se encontram nas creches e pré-escolas é pensar uma fase em que se vivenciam as primeiras experiências escolares, concomitantemente às primeiras expressões sexuais, afetivas, emocionais e relacionais extra-familiares. Tal fato exige a concepção de uma prática pedagógica interdisciplinar, concebendo a criança como um ser que pertence a um contexto sócio-econômico-cultural, possuidora de uma história de vida. Nessa circunstância, os

⁵ A primeira fase da pesquisa “Funcionamento, organização e prática pedagógica nas instituições de educação infantil – 0 a 6 – do município de Uberlândia”, concluída em 2001, objetivou fazer uma caracterização das Instituições de Educação Infantil de Uberlândia, quando foi constatado esse fato.

Os propósitos da avaliação desenvolvida na educação infantil

Leonice Matilde Richter, Maria Veranilda Soares Mota e Olenir Maria Mendes

professores assumem o papel de adultos-parceiros das crianças e, assim, possibilitarão seu maior ou menor desenvolvimento e aprendizagem. Para tanto, necessário se faz um profissional reflexivo, capaz de avaliar continuamente a sua prática.

A partir desses pressupostos, este estudo procura compreender a prática pedagógica dos profissionais de Educação Infantil, refletindo sobre a vivência do processo avaliativo formal e informal no cotidiano de uma instituição privada.

Na busca de alcançar nosso objetivo, optamos pela pesquisa etnográfica. Realizamos 177 horas de observações numa pré – escola da rede particular (crianças com seis anos de idade) ao longo de quatro meses. Participamos, também, das reuniões de pais e professoras e utilizamos, além do diário de campo para registro das observações, uma máquina fotográfica digital, a qual nos possibilitou enriquecer a coleta de dados por meio do registro de expressões faciais e corporais das crianças e da professora. Realizamos, ainda, entrevista com a professora da pré – escola observada, a fim de complementar os dados coletados.

A turma pesquisada era composta por dezesseis alunos, cuja professora era formada em nível superior e trabalhava há onze anos na educação infantil. A instituição se localiza em uma região central do município de Uberlândia – MG.

Um olhar sobre a prática pedagógica: em evidência a avaliação

Neste trabalho, as instituições educativas são consideradas como um local social contraditório, onde diversos aspectos sociais, teóricos e pessoais se inter-relacionam. Ressalta-se, nessa visão, uma preocupação com o social sem perder de vista a dimensão individual, que concebe o conhecimento, instrumento básico da dinâmica educativa, *“como um engajamento crítico que visa distinguir entre essência e aparência, entre verdade e falsidade (...), o mediador da comunicação e do diálogo entre os que aprendem”* (GIROUX, 1986:..263).

Tais pressupostos contradizem a educação autoritária, que, embora desperte o intelecto, dificulta sobremodo o pensar independente, tornando os educandos subservientes e mecânicos. A educação autoritária, comumente chamada de tendência pedagógica tradicional, ao trabalhar enfaticamente o aspecto cognitivo e usar o temor como meio educativo, faz a criança distanciar-se da sua própria natureza. Com isso, a criança busca seus referenciais fora de si, no professor e nos colegas. Parece-

Os propósitos da avaliação desenvolvida na educação infantil

Leonice Matilde Richter, Maria Veranilda Soares Mota e Olenir Maria Mendes

nos acertado dizer que a escola joga com a auto – estima dos alunos, os quais, vulneravelmente, se encontram expostos a julgamentos.

Em muitas escolas, ainda é evidente uma educação repressiva, punitiva, sendo as crianças expostas a situações de medo, de angústia, de constrangimento, movimentos impedidos, posturas rígidas nas carteiras, repressões da sexualidade. Um dos mecanismos efetivadores dessa prática é uma concepção de avaliação que objetiva apenas classificar os alunos.

Foi constatado, por meio de estudos bibliográficos (HOFFMANN, 1996; GODOI, 2000; ROSEMBERG, 1996, entre outros) e observações realizadas durante a pesquisa, que, nos momentos avaliativos, são constantes as situações de constrangimento, evidente na fala, no olhar, nas expressões faciais e corporais das crianças. Esse constrangimento é, muitas vezes, provocado por ações e expressões da professora, durante o seu trabalho em sala de aula. Na observação, registramos 186 episódios que envolviam práticas avaliativas mais visíveis, tais situações se apresentam em momentos em que a professora compara os alunos, expressa valores, expõe negativamente os erros dos alunos e realiza ameaças com o fim de obter um comportamento disciplinado.

A LDB de 1996 aponta o desenvolvimento integral da criança como a finalidade da Educação Infantil, e, nesse contexto, a avaliação deverá ser realizada mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao Ensino Fundamental (título V, capítulo II, seção II, art. 31).

Embora a lei apresente esse objetivo para a avaliação na Educação Infantil, percebemos uma outra realidade. Como afirma Hoffmann,

o que vem ocorrendo é, cada vez mais, a adoção, por instituições pré – escolares, de modelos da prática avaliativa tradicional do ensino regular. Adota-se o modelo e o ranço de uma prática já ultrapassada em seus fundamentos, negando-se, dessa forma, alguns princípios básicos da própria educação pré-escolar. (HOFFMANN, 1993: 88)

Nesta pesquisa, foram observadas diversas situações reveladoras do quanto as crianças captam a mesma negatividade da prática avaliativa tradicional desenvolvida nos outros níveis da educação escolar, como, por exemplo, a reprovação. A fala de uma criança⁶ de seis anos de idade logo

⁶ Os nomes utilizados ao longo do trabalho são fictícios.

Os propósitos da avaliação desenvolvida na educação infantil

Leonice Matilde Richter, Maria Veranilda Soares Mota e Olenir Maria Mendes

no início da pesquisa justifica essa afirmativa:

Carlos: *“Você rodou? Por isso que você está aqui?”*

Carlos: *“Você saiu de uma escola maior e teve que vir para essa?”*

Pesquisadora: *“Como assim?”*

Carlos: *“Se roda tem que ir para outra escola.”*

Essa fala nos indica quais e como são as experiências que as crianças estão vivenciando e que estão orientando a construção do conceito de avaliação. A criança ressalta que quem “não se dá bem na escola, roda”, e é penalizado, como, por exemplo, tendo que mudar de escola. Ela atribui a presença da pesquisadora em sua sala de aula como um castigo, ou seja, a pesquisadora teria que estudar ali por não ter apreendido e, por isso, teria sido reprovada.

A idéia de avaliação, numa perspectiva de reprovação, é perceptível e vem sendo introduzida na Educação Infantil, assumindo o papel de treinamento para a prática avaliativa que a criança encontrará nos segmentos educacionais posteriores. É lamentável tal situação, pois

A Educação Infantil tem um papel muito importante na formação da criança e, em especial, com relação à avaliação, pois é onde socialmente se tem hoje maiores espaços de se fazer um trabalho mais democrático e significativo, em função das menores cobranças formais. A Educação Infantil não deve ceder às pressões das séries posteriores, uma vez que sua forma de avaliar representa o futuro do processo de avaliação de todo o sistema educacional, quando não haverá mais notas ou reprovações. (VASCONCELLOS, 1995: 59)

Vasconcelos salienta a importância de não haver prova, nota, reprovação na Educação Infantil, mas destaca uma questão central: certos ‘olhares’ ou certos ‘comentários’ da professora podem ter um efeito pior sobre a criança que uma nota baixa. Esta afirmação ficou evidente nos seguintes comentários da professora:

Os propósitos da avaliação desenvolvida na educação infantil

Leonice Matilde Richter, Maria Veranilda Soares Mota e Olenir Maria Mendes

Quem terminou certinho vai para o parque comigo”; “tem gente que está de parabéns na leitura”; “eu quero dar nota dez para quem estiver trazendo o caderno bem colorido”; “prestem atenção, larga tudo, vira para a frente, porque agora tem que prestar atenção porque quando a tia pedir vai ter que falar o que a tia falou”; “olha que você esta fazendo errado, olha que eu vou apagar”; “a tia já falou como que é, os meninos já mostraram que eles dão conta, agora vamos ver você.

Embora a professora de Educação Infantil não faça uso de instrumentos de avaliação, como a prova, a nota e a reprovação, que legitimam a prática avaliativa convencional, faz uso de formas mais sutis e talvez tão prejudiciais ao desenvolvimento infantil, como, por exemplo, certas comparações entre alunos. Os episódios abaixo confirmam tal proposição.

Na tentativa de fazer com que os alunos parem de conversar, a professora faz o seguinte comentário: “*esse e aquele grupinho é nota 10, mas esses dois do fundo, nota 0*” (o grupo que estava conversando)

Em outro episódio, em que a professora toma a leitura de Rodrigo, Gabriel, Ana e Lucas, os quais apresentam dificuldade para ler, observa-se a seguinte cena:

Professora: “*Lucas, lê.*” (a criança fica em silêncio)

Professora: “*E essa letra, Lucas?*”

Lucas demora a responder.

Professora: “*Roberto.*” (a professora chama outro aluno para ler, mesmo que Lucas ainda não tenha terminado)

Lucas fica parado, em pé, olhando o outro ler.

Assim, ela ia chamando e liberando aqueles que já tinham lido para irem ao parque, e enquanto isso Lucas esperava.

Observamos em outros momentos posturas da professora expõem as crianças a situações constrangedoras, atitudes que psicologicamente as afetam provocavam medo, ansiedade e tensão (LUCKESI, 1995).

Os propósitos da avaliação desenvolvida na educação infantil

Leonice Matilde Richter, Maria Veranilda Soares Mota e Olenir Maria Mendes

Professora (perguntando a Rodrigo, em voz alta): *“Urubu começa com que letra?”*

A turma toda direciona seu olhar para Rodrigo.

Rodrigo: *“Tia, os outros estão olhando.”*

Professora: *“O que tem se os outros estão olhando?”*

A criança começa a chorar. Sente-se exposta diante dos colegas, com vergonha, pressionada a responder corretamente, sente-se perturbada.

Professora: *“Eu vou chamar para ver quem estudou as vogais.”*

Professora: *“Eu falei que era para estudar em casa.”*

Professora: *“Agora quero silêncio, a tia vai chamar para ler.”*

Algumas crianças ficam tensas com a expectativa de serem chamadas.

Professora: *“Eu quero dar nota 10 para quem está trazendo o caderno bem colorido.”*

Professora: *“Prestem atenção, larga tudo vira para a frente, porque tem que prestar atenção, porque quando a tia pedir vai ter que falar o que a tia falou.”*

Professora: *“Tem gente que tá de parabéns.”*

Aluno: *“Quem?”* (pergunta um aluno que geralmente apresenta dificuldade na leitura)

Professora: *“Quem lê sem errar as letrinhas.”*

O aluno fica um momento quieto. E observa os seus colegas que lêem sem errar e são premiados com as estrelinhas.

Essas atitudes ameaçadoras, quando acontecem com frequência, acarretam toda uma carga negativa de sentimentos, que, acumulados, desequilibram energeticamente as crianças. A criança assume uma postura corporal de defesa manifestada pela dificuldade de respirar. *“A respiração presa parece um antídoto possível contra a catástrofe que está para desabar sobre ele.”* (LUCKESI, 1995: 50-51)

Tradicionalmente, o erro tem sido associado ao castigo expresso por meio de agressões físicas, como receber “reguadas” nas mãos, ajoelhar-se sobre grãos de milho, ficar de pé com os braços abertos etc. As críticas lançadas a essas práticas provocaram formas sutis de castigos que nos parecem ser também muito prejudiciais aos alunos. Apesar da sutileza, o erro continua concebido como algo a ser evitado, como punição que se configura por meio de comentários em público sobre o rendimento dos alunos durante as avaliações, o que pode ser confirmado pelas afirmações

Os propósitos da avaliação desenvolvida na educação infantil

Leonice Matilde Richter, Maria Veranilda Soares Mota e Olenir Maria Mendes

da professora:

A criança está escrevendo a letra “v” no caderno de pauta:

Professora: “*Você começou lá em cima, Ana.*”

Professora: “*É assim? Você tá fazendo sem querer.*”

Professora: “*É aí no de cima?*”

Professora: “*A linha é aqui.*” (a professora mostra com o dedo)

Professora: “*Sobe, desce, sobe, vira.*” (a professora pega na mão dela)

Ana tenta fazer sozinha.

Professora: “*Não é aí. Vai fazer errado de novo.*”

Professora: “*Lê.*”

Vanessa: “*Eu não sei.*”

Professora: “*Eu acabei de ler com você, agora pode ler. Pode estudar em casa.*” (fala a professora em voz alta).

Infelizmente, a escola tem trabalhado o “erro” de uma forma negativa, pois relaciona o erro ao castigo. A partir do erro, desenvolve-se no aluno uma compreensão culposa de suas ações. Na escola infantil, é comum os professores usarem expressões que destacam essa forma de lidar com o erro, como distribuir estrelinhas aos que lêem melhor; dar parabéns somente aos alunos “melhores”; recadinhos e carimbos com conceitos nos cadernos de atividades; ou mesmo dizer que vai ficar “triste” porque o aluno não estudou e por isso não sabe.

Esse aspecto é reforçado em situações como a descrita a seguir, quando a professora demonstra estar mais preocupada com o fazer bonito e “certinho”, do que com o desenvolvimento de uma atividade agradável e instigadora para a criança.

Ao trabalhar com a confecção de uma casinha, na qual seria colada a foto da família na janela, a professora estava preocupada com o resultado, pois este trabalho seria apresentado aos pais. Para garantir que as crianças fizessem uma “casinha bonita”, levou tudo recortado, pintado. Primeiramente, ela entregou às crianças uma folha em branco e os recortes. Depois, de carteira em carteira, passou a cola nos recortes e o único trabalho das crianças consistiu em apertar o dedo sobre o material a ser colado. A atividade, em vez de proporcionar prazer às crianças, foi utilizada apenas para ser exibida aos pais. Por fim, todas as atividades ficaram iguais.

A forma como lidamos com o erro, independente do grau de ensino, é fruto de uma cultura produzida historicamente e que está arraigada em

Os propósitos da avaliação desenvolvida na educação infantil

Leonice Matilde Richter, Maria Veranilda Soares Mota e Olenir Maria Mendes

nós. Atualmente, diversas pesquisas, como as desenvolvidas por Vasconcellos (1995), Luckesi (1995), Estebam (2001), entre outros, criticam essa prática e revelam a necessidade de uma nova postura frente ao erro, pois demonstram que o erro faz parte da aprendizagem, já que ele expressa uma hipótese de construção de conhecimento, um percurso que está sendo seguido pelo aluno, e é por meio dele que se tornam claras as medidas que o professor deve adotar para ajudá-lo a reordenar suas hipóteses.

O erro passa a ser visto por outro prisma, como momento do processo de construção de conhecimento que dá pistas sobre o modo como cada um está organizando seu pensamento, a forma como está articulando seus diversos saberes, as diversas lógicas que atravessam a dinâmica ensino/aprendizagem. (ESTEBAM, 2001:21)

Nesse sentido, o erro assume, juntamente com a avaliação, uma nova função, não mais como fonte de castigo, mas como tomada de decisão sobre o que fazer para que o aluno realmente aprenda.

Para a professora, o aluno não se dedica aos estudos porque os conteúdos são significativos, importantes e prazerosos de serem aprendidos, mas, sim, porque serão avaliados, seja mediante provas, de leituras em público, ou de qualquer outro instrumento avaliativo utilizado pelo professor.

Professora: “*Enquanto vocês vão fazer a tarefa, eu vou tomar a leitura.*”

Luiza: “*Ai, agora eu vou estudar.*” (a criança faz movimento para pegar o caderno)

Professora: “*Só que agora não adianta, tinha que ter estudado em casa.*”

Professora: “*Quem já terminou estuda, que eu vou tomar a leitura.*”

Nestas situações, a professora reforça que o importante era estudar para que se saíssem bem no momento da leitura, ou seja, a finalidade do estudo não estava voltada para o aprendizado.

Esse tipo de avaliação tornou-se um importante instrumento de poder nas mãos dos professores, passando a ser utilizado como mecanismo de disciplinarização do aluno sob a égide do medo. É conduzida pelo medo, que, como diz Foucault (1987), é um importante fator no processo de controle social, é um excelente freio às ações indesejadas. E a escola, na sua prática diária, sabe muito bem utilizá-lo como instrumento de controle

Os propósitos da avaliação desenvolvida na educação infantil

Leonice Matilde Richter, Maria Veranilda Soares Mota e Olenir Maria Mendes

comportamental dos educandos.

Na tentativa de impor uma disciplina desejada, a professora faz uso de ameaças, impondo às crianças a perda de algo de que gostam, como, por exemplo, não brincar na sexta-feira (dia do brinquedo), não ir ao parque, entre outros. Tudo isso acontece se a criança não faz a tarefa do modo esperado por ela. A disciplina comumente é mantida por meio de punições e castigos. Os episódios abaixo comprovam essas afirmações:

João Vítor: *“Você deixa eu brincar com o seu dinossauro?”*

Igor: *“Eu deixo.”*

A professora ouve a conversa e alerta as crianças.

Professora: *“Vamos guardar os brinquedos?”*

Professora: *“E, se não ficarem quietos, como nós vamos para o parque?”*

Professora (ameaçando): *“O nome das duas vai para o quadro.”*

Professora: *“Quem já terminou deita a cabecinha na mesa.”*

Professora: *“Tem gente que não está me obedecendo, né, Fernando?”*

Professora: *“Agora só vai lanchar se a sala estiver organizada.”*

Professora: *“Deixa eu ver quem vai merecer pegar o lanche.”*

Professora: *“Se não ficar com a cabecinha na carteira, nós não vamos para o parque novamente, que nem ontem.”*

Na sala de aula pesquisada observamos que as crianças pouco se movimentavam, ficavam aproximadamente duas horas sentadas. Tal fato nos impressionou bastante, uma vez que os corpos são postos em posturas rígidas num momento da vida em que as crianças são puro movimento. A criança utiliza-se do movimento como meio de se comunicar, entretanto a escola disciplina autoritariamente seus movimentos.

As práticas aqui relatadas confirmam a afirmação de Foucault (1987), sobre o quanto a disciplina fabrica corpos dóceis, submissos, ao gerar “modos permanentes e petrificados de ação. Produz comportamentos físicos tensos que conduzem às doenças respiratórias, gástricas, sexuais, etc. em função dos diversos tipos de stresses”.

A escola, como qualquer outra instituição, está organizada para que as pessoas sejam todas iguais. Há quem afirme: quanto mais igual, mais fácil de dirigir. E essa homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinadores (GUIMARÃES, apud AQUINO, 1996).

Esses valores estão impregnados em nossas ações. A sociedade utiliza-se do sistema de ensino como meio de desenvolver uma personalidade que se conforme aos seus ditames. E a avaliação é fonte de

Os propósitos da avaliação desenvolvida na educação infantil

Leonice Matilde Richter, Maria Veranilda Soares Mota e Olenir Maria Mendes

Todos os tipos de controle e autocontrole é a forma como os padrões externos cerceiam os sujeitos, sem que a coerção externa continue a ser exercida. O autocontrole psicológico, talvez, seja a pior forma de controle, desde que o sujeito é presa de si mesmo. A internalização de padrão de conduta poderá ser positiva ou negativa para o sujeito. Infelizmente, os padrões internalizados em função dos processos de avaliação têm sido quase sempre negativos (LUCKESI, 1995:25-26).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pretensão deste trabalho é participar do debate sobre a Educação Infantil, no sentido de contribuir para o processo de construção de uma escola de qualidade para as crianças pequenas, o que inclui uma nova concepção da avaliação. Não adianta tornar a escolas um ambiente mais agradável, se continuarmos realizando uma avaliação pautada num clima de culpa, castigo, ansiedade e medo, fazendo dos “erros” naturais da criança verdadeiras ameaças para elas.

Nesta pesquisa, constatamos que a prática avaliativa está organizada em uma estrutura de poder hierárquica, em que a criança se encontra na base, exposta e sobrecarregada por cobranças. O sistema de ensino cobra resultados da escola, a escola e os pais cobram dos professores e todos cobram das crianças, por intermédio da prática avaliativa. Se a criança apresenta os resultados/comportamentos desejados, tudo vai bem. Caso contrário, trará desequilíbrio a essa hierarquia, a qual tentará enquadrá-la no padrão desejado.

A avaliação, tanto formal quanto informal, representa um eficiente meio de controle da sala pelo professor, seja na Educação Infantil, seja nos demais níveis de ensino, uma vez que as atitudes ameaçadoras repetidas constantemente pelo professor garantem o medo, a ansiedade, a vergonha. Desse modo, a criança assume uma postura corporal de defesa, percebida mais diretamente pela dificuldade de respirar, uma vez que a tentativa de inibir as sensações angustiantes promove alterações no fluxo de energia.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, pudemos observar na prática a presença da avaliação informal, subjetiva e controladora do modo de ser das crianças. Dessa forma, embora a professora não utilizasse instrumentos mais visíveis de avaliação, como provas, notas, não quer dizer que não ocorresse a avaliação na educação das crianças pequenas.

Os propósitos da avaliação desenvolvida na educação infantil

Leonice Matilde Richter, Maria Veranilda Soares Mota e Olenir Maria Mendes

Pelo medo, as crianças vão criando mecanismos de proteção e defesa do mundo, que afetam sua autoconfiança, auto – estima, e, aos poucos, esses seres cheios de vida vão se transformando em pessoas inseguras.

Portanto, se desejamos construir uma educação de qualidade, temos que mudar a concepção de avaliação, deixando de entendê-la como fonte de castigo e passando a utilizá-la como suporte para a aprendizagem, um meio para visualizar o que se faz necessário mudar, como afirma Luckesi

por sobre o insucesso e o erro não se devem acrescentar a culpa e o castigo. Ocorrendo o insucesso ou o erro, aprendemos a retirar deles os melhores e os mais significativos benefícios, nas não fazemos deles uma trilha necessária de nossas vidas. Eles devem ser considerados percalços de travessia, com os quais podemos positivamente aprender e evoluir, mas nunca alvos a serem buscados. (LUCKESI, 1995:59)

Gradativamente, grupos de pesquisadores da área da educação têm procurado desenvolver novas práticas avaliativas⁷, mas, para que mudanças realmente ocorram, devemos estar conscientes de que a avaliação não possui uma finalidade em si. Ao contrário, ela é o meio pelo qual podemos observar se estamos atingindo os objetivos previamente estipulados.

Não há como querer realizar uma transformação de avaliação de modo isolado, pois a forma de lidar com a avaliação está abarcada em uma concepção de conhecimento, de compreensão de como o aluno aprende, ou seja, numa base epistemológica que determina a forma como o professor entende e desenvolve sua avaliação.

A prática avaliativa da Educação Infantil deve ser concebida como processo de observação, registro e reflexão sobre o desenvolvimento infantil e deve ser fonte de recurso para a reflexão sobre a prática pedagógica do professor.

⁷ Na FACED/UFU, no ano de 2000, foi consolidado o Grupo de Estudo em Avaliação (GEA), coordenado pela professora Ms. Olenir Maria Mendes, o qual tem por objetivo desenvolver pesquisa sobre a prática avaliativa, estudar e adquirir base teórica acerca da avaliação. Assim, nesse grupo temos a oportunidade de integrar as discussões de nossa pesquisa.

Os propósitos da avaliação desenvolvida na educação infantil

Leonice Matilde Richter, Maria Veranilda Soares Mota e Olenir Maria Mendes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.
- ARIÈS, P. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro : Guanabara, 1981.
- BERTAGNA, R. H. O formal e o informal em avaliação. In: Carlos de Freitas (Org.). **Avaliação: construindo o campo e a crítica**. Luiz Florianópolis: Insular, 2002.
- BRAGAGNOLO, A. **A experiência de uma professora-pesquisadora no universo da educação infantil**. Caxambu, MG: ANPED, 2000. 23ª Reunião Anual.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.º 9394/96, de 20 de Dez. de 1996. Brasília, DF: Senado Federal, 1996.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. Conselho Nacional De Educação/ Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 1999.
- ESTEBAM, M. T. A avaliação no cotidiano escolar. In: GARCIA, R. L.; BARRIGA, A. D.; AFONSO, A. J. GERALDI, C. M. G.; LOCH, J. M. P. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 7-28.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Pondé Vassolo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução**. Trad. Ângela Maria B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GODOI, E. G. **Educação Infantil: avaliação escolar antecipada?** Campinas, SP: 2000. 186p. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1993.
- _____. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2001.
- KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1982.

Os propósitos da avaliação desenvolvida na educação infantil

Leonice Matilde Richter, Maria Veranilda Soares Mota e Olenir Maria Mendes

LUCKESI, C. **A avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO/Secretaria de Educação Fundamental/ Departamento de Políticas Educacionais/Coordenação-Geral de Educação Infantil. **Proposta Pedagógica e Curricular em Educação Infantil**: um diagnóstico e a construção de uma metodologia de análise. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1996.

REICH, W. **A criança do futuro**. Trad. Marisol P. Terlizzi. Janeiro 1983.

ROSEMBERG, F. **Educação Infantil, classe, raça e gênero**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 96, p. 58-65, 1996.

UNESCO. **Educação e Cuidado na Primeira Infância**: grandes desafios /tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Brasília: UNESCO Brasil, OECD, Ministério da Saúde, 2002.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação**: concepção dialética–libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 1995.

ZABALZA, M. **Qualidade em educação infantil** / Miguel A. Zabalza; trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998